
Zuenir Ventura, trajetória e aprendizados: percurso no jornal *Tribuna da Imprensa* na década de 1950¹

Felipe QUINTINO²

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, MS

RESUMO

Este artigo tem o objetivo de mapear o percurso do jornalista Zuenir Ventura no jornal *Tribuna da Imprensa* na década de 1950, período de modernização e de profundas transformações da imprensa brasileira, sobretudo, a carioca. A partir da proposta de metodologia de “circuito da comunicação” formulada pelo historiador Robert Darnton, buscamos apontar as características do jornal fundado pelo político Carlos Lacerda, aspectos empresariais, composição de equipes de trabalho e teor dos textos produzidos. Apesar de não ter figurado no perfil do “lacerdismo”, Zuenir teve em *Tribuna da Imprensa* um local que propiciou aprendizados, o convívio com jornalistas experientes, a publicação de suas primeiras reportagens e o acompanhamento de parte do processo de modernização da imprensa carioca.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo; *Tribuna da Imprensa*; Zuenir Ventura.

Em janeiro de 1956, o mineiro Juscelino Kubitschek tomava posse como presidente da República depois de uma campanha com slogan de que o Brasil cresceria “cinquenta anos em cinco”. Logo no início do mandato, lançou o Plano de Metas, mais ambicioso programa de modernização já apresentado ao país, pautado em uma agenda de crescimento econômico e de aprofundamento do processo de industrialização. O seu programa de governo “dava voz a uma nova e entusiástica condição de ser brasileiro que poderia contribuir para reparar as injustiças de uma herança histórica de miséria e desigualdades profundas, e serviria para abrir as portas da modernidade” (SCHWARCZ, STARLING, 2015, p.417).

O tom de entusiasmo, o movimento de mudanças no país e a expressão de novas ideias no campo da cultura, nos tempos de JK, ajudaram a impulsionar a implementação de medidas de modernização nos jornais do Rio de Janeiro nos anos 1950. Com influência do modelo norte-americano, a modernização (gráfica, editorial, linguística e empresarial)

¹ Trabalho apresentado no GP História do Jornalismo, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP) e professor do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), e-mail: felipe.quintino@ufms.br

nesse período representou a passagem do jornalismo político-literário para o jornalismo informativo. A reforma não ocorreu de forma espontânea, sendo “resultado da ação intencional de alguns homens e empresas, imbuídos de uma visão modernizadora ou impulsionados pela nova conjuntura econômica” (RIBEIRO, 2007, p.343).

Nesse ritmo de mudanças, o jornalista Zuenir Ventura começava sua carreira profissional em um jornal que participou desse processo de modernização técnica do jornalismo carioca: *Tribuna da Imprensa*. Pretende-se neste artigo dimensionar o percurso de Zuenir no jornal *Tribuna da Imprensa*, ressaltando os contextos e vínculos com outros sujeitos. Os laços de amizade e também os pontos de hostilidade e rupturas fizeram parte desse mapeamento.

O periódico foi observado como fonte histórica ligada ao processo de construção de significados. Buscou-se analisar a produção de Zuenir nos movimentos de um processo social e historicamente compreendido, em um trabalho de recuperar a historicidade do jornal. Os esforços caminharam no sentido de descrever as suas características, como proposta editorial, propriedade e aspectos empresariais. A composição da equipe da redação, o contexto de produção dos textos, relações profissionais e motivos da saída de Zuenir da empresa tiveram entre os aspectos avaliados.

Foram essenciais neste artigo os enfoques metodológicos do historiador Robert Darnton, que oferece uma dimensão histórica aos estudos dos meios de comunicação. Na busca por compreender o modo pelo qual as ideias são transmitidas pelos meios impressos, Darnton traz o conceito de “circuito de comunicação”, que corresponde o percurso que vai desde a produção dos textos à apropriação pelos leitores.

O estudo da produção de Zuenir leva a desafios de pesquisa em relação aos caminhos biográficos e às decisões de fontes e materiais que possam ajudar a contar tal percurso de vida. Em várias áreas do conhecimento, pesquisadores têm se dedicado ao estudo das potencialidades dos usos biográficos para o entendimento de dimensões do passado (e relações com o presente), das transformações ocorridas e dos acontecimentos históricos. Pesquisadores do campo da comunicação apresentaram propostas metodológicas nesse assunto (SACRAMENTO, 2014; PENA, 2004).

Ao apontar os perigos da “ilusão biográfica” e de narrar a vida de uma pessoa de forma coerente num dado período, assumindo uma visão fechada e predestinada das experiências, Bourdieu (2006) afirma que os acontecimentos biográficos se definem “como colocações e deslocamentos no espaço social”, bem como devem ser

compreendidos a partir da construção dos estados sucessivos do campo em que a trajetória se desenrolou. A intenção envolve traçar a trajetória de Zuenir nas relações entre os campos, com os devidos vínculos e movimentos percorridos pelo jornalista. A ideia é mapear a sua ação dentro de uma rede de relações, espaços de sociabilidade (SIRINELLI, 2003) e na estrutura da vida cotidiana (HELLER, 2008).

Universidade e arquivo

Em 1956, ainda estudando Letras Neolatinas na Faculdade Nacional de Filosofia, Zuenir participou como um dos redatores da publicação *A História em Notícia*, ao lado de Cláudio Soares e Rubem de Azevedo Lima. Era dirigida pelo jornalista e futuro político Amaral Netto, que também comandava a revista *Maquis*, de oposição ao governo JK. Em três volumes, a publicação contava a história do Brasil em uma linguagem jornalística. O texto de apresentação do primeiro volume (cobrindo o período de 1500 a 1550) ressaltava que todo o material “constituirá a mais inédita, original e divertida enciclopédia de História que se possa imaginar”. Tinha intenção também de ser “marco no ensino às crianças e no aprimoramento do grau de cultura dos adultos, educando e divertindo ambos”.

Na faculdade, Zuenir encontraria quem o ajudou a impulsionar a sua carreira no mundo da imprensa: o professor Hércio Martins. Autor de uma tese sobre a poesia do escritor Pedro Salinas, Hércio era o chefe do arquivo do jornal *Tribuna da Imprensa*, publicação criada em 1949 que teve como lema “um jornal que diz o que pensa porque pensa o que diz”. Sabendo das dificuldades financeiras de Zuenir, Hércio o convidou para trabalhar no jornal fundado pelo político e jornalista Carlos Lacerda. Assim, Zuenir iniciou como arquivista em *Tribuna da Imprensa*, no horário de trabalho de seis da tarde à meia noite, com a função que envolvia recorte de jornais, a separação de fotografias e o atendimento aos repórteres.

O arquivo da *Tribuna* ficava no terceiro andar de um casarão construído no final do século XIX, comprado por Lacerda por 700 cruzeiros. Também trabalharam no arquivo os funcionários Joaquim Cavalcanti (depois chefe do setor), Joaquim Marques Filho, José Lube Netto, Edmundo Tartaglia e Eunice Bandeira de Melo. No térreo, havia a oficina gráfica, com as máquinas linotipos e a rotativa quase na porta de entrada. No segundo andar, era o lugar da redação, além das salas de apoio administrativo onde Odilon

de Paiva Lacerda cuidava da contabilidade, enquanto Nice Brandt era responsável pelo departamento de pessoal. Em um canto, ficava a mesa da telefonia. Ao fundo, um aquário fechado por um vidro grosso, Carlos Lacerda, sua biblioteca particular, a secretária Ruth Alvarenga e a máquina Remington que ele batia, com força, os seus artigos. Na *Tribuna*, Ruth era quem filtrava os inumeráveis telefonemas e solicitações destinadas a Carlos Lacerda, que incluíam ameaças de morte de leitores revoltados e declarações de amor de leitoras apaixonadas. Nos serviços gerais, José Matos buscava resolver os problemas que surgissem no prédio. Os contínuos do jornal eram José Matos, João Aires de Castro e Anísio Gonçalves.³

Documentação interna do setor de promoção e circulação da *Tribuna da Imprensa* aponta que o jornal oscilava na venda de 17 mil a 26 mil exemplares, nos seis primeiros anos da década de 1950. Em raras vezes, passou desse patamar, registrando somente o pico de 28.866 (em outubro) e 37.588 (em novembro) de 1955, momento de crise e instabilidade política no governo de Café Filho, que assumiu a presidência logo após o suicídio de Vargas. Em setembro de 1956, o jornal contava com 4.864 assinaturas no Rio de Janeiro e 4.426 assinaturas no interior.⁴ Em 1955, segundo as estimativas presentes no Anuário Brasileiro de Imprensa, que parecem superestimadas, a tiragem dos vespertinos cariocas chegou aos seguintes números: 40 mil (*Tribuna da Imprensa*), 60 mil (*A Notícia*), 90 mil (*Diário da Noite*), 92 mil (*Última Hora*) e 110 mil (*O Globo*). De acordo com registros e dados internos da *Tribuna*, a venda diária seguiu, na maioria dos meses daquele ano, na casa dos 18 a 20 mil exemplares. Entre os matutinos, os de maior tiragem eram o *Correio da Manhã*, *Diário de Notícias* e *O Jornal*.

Com estrutura administrativa precária, dificuldades na obtenção de publicidade e dívidas com fornecedores, *Tribuna da Imprensa* sofria prejuízos que traziam forte desestruturação ao andamento da empresa. O déficit financeiro atingiu mais de 2 milhões de cruzeiros em março de 1955. O departamento de fotografia funcionava em condições adversas. Em documento recebido pela chefia, datado de setembro de 1958, um funcionário da empresa informava que dos nove flashes existentes nenhum deles

³ Os registros do jornalista José Guimarães Padilha no seu livro *Lacerda na era da insanidade* foram importantes para reconstituir o ambiente de trabalho no jornal *Tribuna da Imprensa* e a atuação dos profissionais que por lá passaram. Ele foi repórter, chefe de reportagem, secretário de redação e diretor no jornal. Cobriu, por exemplo, a destituição do governo ditatorial de Fulgêncio Batista em Cuba e ascensão de Fidel Castro. Outro livro que ajudou nessa recomposição foi *Lavrado 98*, do jornalista Stefan Baciú, que atuou na editoria de internacional do jornal.

⁴ Consultei as informações sobre a circulação da *Tribuna da Imprensa*, dados de assinaturas/financeiros e registros das condições dos materiais de trabalho, como no departamento de fotografia, na documentação da coleção Walter Cunto/Carlos Lacerda, sob a guarda do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro.

apresentava condições de uso e que das 16 máquinas fotográficas “poucas são aquelas que oferecem condições aceitáveis de trabalho”.

Além de relatar o estado da esmaltadeira, equipamento para a secagem das fotos que contribuiria para a clareza das impressões, ele sugeriu reparos em seis máquinas Rolley-Flex e alertou que a Leica estava praticamente parada havia um ano. Já a Robot, “máquina utilíssima, principalmente em competições esportivas, está parada há nove meses carecendo de reparos”. Apesar da pouca circulação da *Tribuna da Imprensa*, o jornal tinha relativa repercussão na sociedade, muito em razão do tom direcionado por Lacerda, dos enfrentamentos políticos e dimensão marcadamente panfletária.

Em dezembro de 1957, nas comemorações de oito anos da *Tribuna da Imprensa*, o jornalista Odylo Costa, filho⁵ assinou texto colaborativo abordando os rumos da publicação e o papel que o jornal tivera na formação de vários jornalistas. Odylo foi um dos responsáveis pela reforma⁶ do *Jornal do Brasil* em 1956 e, quando deixou o jornal, passou a atuar como diretor da *Tribuna da Imprensa*, que anunciou a sua contratação em abril de 1959. Com a ajuda do jornalista Quintino de Carvalho, Odylo implantou algumas mudanças gráficas no periódico de Lacerda.

Nesse artigo, sem citar o nome de Lacerda, ele afirmava que a *Tribuna* era o “caso raro de um jornal feito sobre um homem – suas palavras, seus sonhos, suas alucinações, suas acusações, seus cantos, seus libelos, seus salmos, suas profecias, seus idílios”. Na mesma página, o jornal apresentava aos leitores os profissionais que “fazem todo dia *Tribuna da Imprensa*” e o processo de produção.

Zuenir foi citado na equipe do *copy desk*, “cujo principal trabalho é dar o estilo jornalístico à matéria, despertando o interesse do leitor para o assunto da notícia”. A publicação informava que, pela manhã, fazia parte dessa equipe Lêdo Ivo, Clovis Paiva e

⁵ Odylo Costa, filho (1914-1979) nasceu em São Luís, no Maranhão. Foi no semanário *Cidade Verde*, em Teresina, que Odylo começou a vida literária e jornalística. A família se mudou para o Rio de Janeiro, onde ele inicia os estudos em Direito. No Rio, atuou inicialmente no *Jornal do Commercio*. Já no jornal *Diário de Notícias*, onde foi trabalhar nos anos 1950, era o coordenador e chefe da seção política. Próximo das ideias da UDN, ele cobriu a crise do governo Getúlio Vargas e o suicídio, em 1954. Passou a atuar no *Jornal do Brasil* em 1956 e lá iniciou a reforma do periódico. Também trabalhou na *Tribuna da Imprensa*, *O Cruzeiro*, revista *Senhor*, revista *Veja*, entre outros veículos. Escreveu livros de ficção, como *A faca e o rio*, e em 1970, tomou posse na Academia Brasileira de Letras (ABL).

⁶ A reforma do *Jornal do Brasil* consistiu em várias mudanças gráficas e jornalísticas, como a valorização das fotos (adotou a fotografia na primeira página), eliminação dos fios que separam as colunas de textos e a organização da página de esportes. Para Ferreira (1996, p.154), o êxito da reforma no *Jornal do Brasil* foi um indicador importante do significado das transformações que tiveram lugar na imprensa brasileira dos anos 1950, mas salienta que esse desempenho pode ser atribuído a um conjunto de variáveis: a conjuntura histórica do período, a capacidade de decisão empresarial para captar as demandas do seu tempo e apostar no novo, a boa condição financeira do jornal e a moderação política do *Jornal do Brasil*.

Lucio Nunes e que, “de noite, o responsável pelo *copy desk* é o Zuenir Carlos Ventura”. O poeta Lêdo Ivo também tinha a responsabilidade pela chamada *Tribuna dos Livros*. Na equipe de reportagem geral trabalhavam os repórteres Calazans Fernandes, Neil Hamilton, Guimarães Padilha, Antônio Carlos Prata, José Calheiros Bomfim, Aparecido Baioneta, Carlos Alberto Teixeira da Silva e Rubem de Azevedo Lima. Ao apresentar a equipe de repórteres de política, o jornal destacou que essa seção era “acompanhada de perto por Carlos Lacerda, que traça a linha política do jornal”. A seção de política recebia também a colaboração do deputado Ruy Santos (UDN – Bahia) e dos jornalistas Hermano Alves, Nertan Macedo e João Duarte. A equipe de polícia estava sob o comando de Emiliano Castor de Menezes, enquanto a de esportes nas mãos de Nilton Ribeiro. Os desenhos da cartunista e chargista Wilde Weber eram publicados na quarta página, mesmo local dos artigos de Lacerda.

Uma informação, em especial, o jornal fez questão de ressaltar: a campanha para a compra da nova rotativa, colocada em funcionamento em fevereiro de 1959. Segundo o texto da publicação, “ao saber que o conjunto impressor, mandado vir da Alemanha, precisava ser pago, um grupo de senhoras, pouco depois dos golpes de novembro de 1955, quando ameaças pairavam sobre o jornal”, organizou a campanha. No dia da inauguração da máquina, Hemínia Fernandes Lima, uma das participantes da campanha, compareceu ao evento, com a presença de Lacerda, que enalteceu o “civismo da mulher brasileira”. Na inauguração, a máquina foi benzida pelo padre José Augusto Magalhães.

Hélcio sempre comentava com Zuenir que ele deveria escrever para jornal, pois ajudaria no estilo e na concisão. Insistia para ele “descer para a redação”. Embora concordasse com as ideias do professor sobre a questão do estilo, Zuenir não demonstrava interesse em seguir a profissão daqueles que já atuavam no jornal da rua do Lavradio, 98. Chegou a resistir, mas a grande “virada” aconteceu quando, já formado e dando aulas no ensino médio, Zuenir passava na redação e Lacerda perguntou quem poderia escrever um artigo sobre a morte do escritor Albert Camus. Ele se prontificou a fazer, mesmo receoso de que poderia receber alguma bronca do dono do jornal, caso não gostasse. Camus era um dos seus autores preferidos, desde o tempo da Faculdade Nacional de Filosofia. Correu para escrever, já que o artigo sairia no dia seguinte.

O texto recebeu a chamada de capa, ao final da página, com lembrete do redator de plantão: “Prezado leitor, hoje damos o lugar de honra, na página 4, a um artigo sobre Albert Camus, escrito pelo nosso companheiro Zuenir Carlos Ventura. Na página 5,

escritores brasileiros falam sobre o grande escritor desaparecido ontem”. A manchete daquele dia, 5 de janeiro de 1960, alertava: “Depois do feijão podre um novo escândalo na Cofap: azeite azedo”. A empresa era acusada de importar e estocar nos armazéns do Cais do Porto 500 mil latas de azeite impróprias para o consumo. Paralelamente ao tema de teor de denúncia da edição e com o título de “Camus, o humanista”, o artigo de Zuenir foi publicado no mesmo lugar onde Lacerda escrevia seus textos. Começava com o seguinte trecho:

Nos entrechoques de ideias que sacudiram esta metade de século e na dramática insurreição de niilismo que caracteriza a nossa civilização, nenhum escritor desempenhou papel tão decisivo e consequente como Albert Camus, que morreu ontem, aos 46 anos, deixando uma obra que é a mais eloquente afirmação em nossos tempos da natureza espiritual do Homem. Quando se fizer o estudo que a obra de Camus exige um aspecto ressaltará com maior evidência: o seu humanismo, espinha dorsal de sua filosofia e alvo preferido dos existencialistas e marxistas. Pois o mito do helenismo apontado em Camus não é mais do que a recolocação do homem como medida de todas as coisas numa época caracterizada pelo que ele chamou de “historicismo”, que é a divinização da História. E o que Camus procurou demonstrar em toda a sua obra foi justamente que o homem, colocado dentro da história, sem desprezá-la ultrapassa-a pelo espírito. A salvação da humanidade não está a seu ver nem em uma moral homicida nem na metafísica niilista nem no retorno ao espírito religioso, mas exatamente na total dessacratização da cultura e do pensamento. A história não é governada por uma lei inexorável, mas tende a realizar uma ideia do homem, O seu movimento rem um sentido, exatamente na medida em que seus participantes, colocados diante de circunstâncias determinadas, pretendem superá-las de maneira a realizar os valores que estão no espírito antes de estar na história.⁷

Destacando nos livros de Camus a característica da busca da felicidade para os homens, Zuenir comentou as obras *L’homme révolté*, *Le Mythe de Sisyphe* e *A Peste*. Ao final, ele concluiu: “pela coerência e profundidade de sua filosofia pelo primado do homem em todas as soluções que ele apresenta para o problema do homem em face do mundo pela sua lúcida consciência do papel do artista no mundo moderno – é por tudo isto que Albert Camus pode ser considerado como o mais importante escritor de sua tão ilustre geração”. Na matéria de repercussão da morte, ao ser entrevistado por *Tribuna da Imprensa*, Manuel Bandeira lembrou a passagem de Camus pelo Brasil em 1949, quando chegou ao Rio de Janeiro pela baía da Guanabara. Também esteve em Recife e na Bahia.

⁷ Trecho do artigo publicado no jornal *Tribuna da Imprensa*, em 5 de janeiro de 1960.

Com o escritor Oswald de Andrade, conheceu Iguape (litoral de São Paulo) e acompanhou a festividade religiosa do Bom Jesus. Dessa visita e de outras experiências pelo país, surgiu o seu conto “A pedra que cresce”, publicado em 1957 no livro *O exílio e o reino*.

Com repercussão entre os colegas, o artigo de Zuenir, que havia escrito algumas matérias para o jornal, selou o seu caminho dentro da redação. Os conselhos de Hércio foram atendidos por vias indiretas, mas algo também contou nessa mudança: o salário. Zuenir deixava de ganhar 4 mil cruzeiros por mês no arquivo para receber 7500 como noticiarista. Logo em seguida, 10 mil cruzeiros como redator. Para se ter uma ideia desse crescimento e feita a conversão das moedas de cruzeiro para real, com as devidas atualizações, ele ganhava no arquivo R\$ 1.010,00. Ao passar para a redação, o valor atingiu R\$ 1.890,00 (como noticiarista) e R\$ 2.520,00 (como redator). Atualmente, o piso salarial dos jornalistas no Rio de Janeiro (cidade onde Zuenir construiu a sua carreira) está em R\$ 2.432,72 para a jornada de cinco horas. Mesmo com as possibilidades de maior rendimento e as insistências de Hércio, Zuenir atribui ao acaso o início da carreira como jornalista, pois não apresentava uma vocação aparente e também pelo fato de o magistério já fazer parte do seu cotidiano, desde os tempos de Friburgo.

No seu começo na reportagem, quem comandava o periódico era o jornalista Walter Cunto, amigo e assessor pessoal de Carlos Lacerda. Cunto começou na imprensa no *Diário Carioca*, no período que Wilson de Oliveira era secretário do jornal. Wilson avisou ao jovem jornalista das intenções de Lacerda em fundar um jornal e informou que estava deixando *Diário Carioca* para trabalhar na nova publicação. Prometeu a Cunto que o levaria para a *Tribuna da Imprensa*, o que ocorreu efetivamente.

A primeira matéria de Cunto na *Tribuna* abordou a questão das empregadas domésticas no Rio de Janeiro. Repercutia um artigo do próprio Lacerda sobre uma casa de caridade, em Botafogo, que acolhia pessoas e as encaminhava para o trabalho como domésticas. Também fez matéria a respeito de um capitão que utilizava as oficinas da Superintendência de Transportes da Prefeitura, no período de Mendes de Moraes, para consertar carros de escola de samba.⁸ Na chefia, ele costumava receber comunicados de Lacerda advertindo sobre os textos publicados no jornal, como fez em agosto de 1958 em

⁸ As informações sobre o jornalista Walter Cunto descritas neste artigo tiveram como base o depoimento que ele prestou à Sociedade Amigos de Carlos Lacerda. Parte desse depoimento foi transcrito no livro *Carlos Lacerda: o sonhador pragmático*, do político Mauro Magalhães. Walter Cunto morreu em 1985.

tom irônico: “Quem foi o belezinha que fez aquele texto-legenda de baixa literatura sobre o morro hoje? Como é que ainda se publica uma coisa destas?”.⁹

Cunto assumiu a chefia da assessoria de imprensa do Palácio Guanabara com a eleição, em 1960, de Lacerda como governador, eleito pela União Democrática Nacional (UDN) com o discurso da resolução dos problemas urbanos que afligiam a população, de reafirmação do papel exercido pela cidade no plano nacional e de transformação da Guanabara em estado. Vencendo o candidato do PTB, o deputado Sérgio Magalhães, por uma diferença de 23 mil votos, Lacerda passara da Rua do Lavradio para o Palácio não só com seu ideal, mas também com uma parte da equipe do jornal (BACIU, 1982, p.27).

Com as mudanças, assumiu o comando do jornal, ainda muito jovem para o posto, aos 23 anos, Sérgio Lacerda, um dos filhos do então governador empossado. Quando era adolescente, Sérgio escapou do atentado da rua Tonelero, que feriu o seu pai no pé e matou o major Rubens Vaz, episódio em meio à crise institucional que levaria o fim do governo, com o suicídio de Getúlio Vargas.

Uma das primeiras matérias de Zuenir em *Tribuna da Imprensa* era referente ao sucesso de vendagem da *Pequena Gramática para a explicação da Nova Nomenclatura Gramatical*, do professor Adriano da Gama Cury. De acordo com o texto, a grande venda do livro (de 137 páginas e esgotada a primeira edição em três semanas) tinha uma explicação: tornou possível a todos a compreensão da *Nomenclatura Gramatical Brasileira* (NGB), que o ministro da Educação mandara adotar em todos os colégios e escolas do país. O livro conceituou todos os nomes relacionados na NGB, “apresentando grande variedade de exemplos, estabelecendo uma correlação com o que existia antes e esclarecendo a sua doutrina”¹⁰.

Em agosto, Zuenir entrevistava para o jornal o professor Alceu Amoroso Lima, um dos seus mestres da faculdade. A entrevista tratou das impressões do professor, que voltava de uma viagem aos Estados Unidos, em relação ao panorama político brasileiro, marcado na ocasião pela disputa entre Jânio Quadros e o marechal Henrique Teixeira Lott. Para comentar esse fato, ele fez analogia às lutas que se travaram entre Rui Barbosa e Pinheiro Machado. O professor se colocava a favor das heranças do civilismo de Barbosa e contra o militarismo implantado por Pinheiro Machado. Zuenir também perguntou ao professor como encarava os meios utilizados para combater o comunismo

⁹ Coleção Walter Cunto/Carlos Lacerda; Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro.

¹⁰ “Nova Nomenclatura transformou pequena gramática em best-seller”, *Tribuna da Imprensa*, julho de 1959.

e se eles evitavam, de algum modo, a sua propagação. Alceu respondeu: “De modo algum. O anticomunismo negativo, como política de avestruz. Isto é, de considerar o totalitarismo comunista como um mal a ser combatido pela cirurgia da guerra ou do isolamento, só tem concorrido para colocar 40 ou 50% da humanidade sob a intoxicação comunista”.¹¹ Em dezembro daquele ano, Zuenir voltou a citar Amoroso Lima em uma matéria sobre a questão da teoria do movimento pendular na literatura e as linhas predominantes nas obras do fim do século ao pós-guerra.

Em 1961, pouco tempo depois da renúncia de Jânio Quadros, a *Tribuna da Imprensa*, em dificuldades financeiras, passou ao controle do *Jornal do Brasil*. Nessa operação, o empresário e advogado Manuel Francisco Nascimento Brito, proprietário do *Jornal do Brasil* e genro da condessa Maurina Pereira Carneiro, assumiu as dívidas do jornal de Lacerda. Essa compra foi facilitada por meio de operação com o Banco Nacional, comandado por Magalhães Pinto. Nesse período, o jornalista Alberto Dines recebeu o convite do Nascimento Brito para ser o editor-chefe e fazer essa transição.

Eu só recebi uma recomendação: “Vamos acabar com essa oposição sistemática. Isso é: quando tiver de falar mal do Jango, fala, mas não precisa falar todo dia. Vamos maneirar, vamos fazer um jornal tão equilibrado quanto o *Jornal do Brasil*”. Fui para a *Tribuna* e lá encontrei o Zuenir Ventura, o Itamar de Freitas, que depois foi para o *Fantástico*. Logo tive uma afinidade com todos, estávamos sempre juntos. Certa vez, tivemos um problema com um editorial que Lacerda escreveu lá no Palácio e mandou para o jornal. Aí eu disse: Sérgio, assim não dá. O Brito me deu instruções para o jornal ser mais moderado. Sérgio contou para o pai, que ligou para o Brito, e houve uma briga danada. Porque Lacerda não era mais dono do jornal, o dono era o Brito. Mas depois o assunto foi encerrado. Fiquei ainda algum tempo na *Tribuna da Imprensa*. Depois o Maurício Cibulares botou na cabeça do Brito que podia chefiar uma grande transformação na *Tribuna da Imprensa*. Ele era major reformado e seguia aquela linha nacionalista. Ele estava insuflado pelo Hermano Alves e Mário Faustino, que eram maravilhosos jornalistas e queriam fazer uma reforma na *Tribuna da Imprensa*. Então, eu disse: minha missão está cumprida, volto para o *JB* porque eu não estava aguentando. [...] É importante dizer que a *Tribuna da Imprensa* foi uma grande escola, teve enormes, fantásticos profissionais como Nilson Viana, uma flor de pessoa, que foi depois para a TV Globo. Tinha o Hílcar Leite, então o maior chefe de reportagem existente no país. Ele era um dos trotskistas que Lacerda, quando anticomunista, levou para trabalhar na *Tribuna da Imprensa*. E muitos, muitos outros.¹²

¹¹ Trecho da entrevista com o professor Alceu Amoroso Lima, publicada em agosto de 1959.

¹² Depoimento do jornalista Alberto Dines ao livro *Lacerda na era da insanidade*, de Guimarães Padilha.

Nessa nova tentativa de reformulação, o jornal contratou um time de peso: Paulo Francis, Carlos Castello Branco e Armando Nogueira. Na avaliação de Dines, queriam fazer um “jornal de estrelas, mas acontece que eram estrelas demais, e o jornal não saiu”. Desse projeto frustrado, surgiram as conhecidas colunas de Castello Branco e Armando Nogueira no *Jornal do Brasil*.

Com as dívidas crescendo, Nascimento Brito decidiu vender *Tribuna da Imprensa* para o jornalista Hélio Fernandes, em 1962. Nascido no subúrbio carioca do Méier, Hélio começou a trabalhar cedo. Ficou órfão aos 10 anos, fazendo bicos numa carpintaria. Aos 13 anos, largou os estudos para trabalhar como auxiliar de um despachante, que pouco depois seria preso sob a acusação de envolvimento no levante integralista. O novo emprego foi em um navio cargueiro e, em 1942, entrou para o exército. Em dezembro de 1945, por intermediação do seu irmão Millôr Fernandes, começou a atuar na revista *O Cruzeiro*. Recolhia os artigos assinados e, um ano depois, já era diretor de redação. Cobriu a Assembleia Constituinte de 1946, quando conheceu Lacerda e iniciaria ali uma amizade, marcada também por divergências e posições antagônicas. Trabalhou também, entre outros veículos, no *Diário Carioca*, revista *Manchete* e *Diário de Notícias*, e na comunicação da campanha presidencial de Juscelino Kubitschek.

Com temperamento difícil e gosto pela polêmica, Hélio soube da intenção de Nascimento Brito de vender *Tribuna da Imprensa* por meio do advogado Miguel Lins. Em um almoço, eles conversaram sobre o assunto. Com a venda, Hélio (então com 38 anos) assumiu os ativos e passivos do jornal da rua do Lavradio. A relação de Zuenir e o novo dono do jornal não foi a das melhores. Houve uma greve dos jornalistas da *Tribuna* em razão do atraso dos salários. No entanto, a notícia entre os profissionais era de que havia dinheiro em caixa para os pagamentos. Por conta da greve, Zuenir, já como chefe da redação, trabalhou na edição sem ajuda dos funcionários e relatou essa situação ao novo dono. Nessa conversa, segundo Zuenir, Hélio lhe sugeriu que demitisse os jornalistas grevistas. Não durou muito tempo o convívio: Zuenir saiu do jornal dias depois.

Após esse episódio, o estremecimento, ressentimentos e rugas entre os dois não foram contornados, levando a uma situação, no mínimo, de viés excêntrico que mereceu até nota em revista semanal.¹³ Hélio escrevia seus artigos e, volta e meia, o nome de

¹³ O episódio foi assunto de uma nota na coluna Gente, da revista *Veja*, em 16 de setembro de 1987. Entrevistado pela revista sobre o fato de ter jogado tinta marrom no jornalista Hélio Fernandes, Zuenir Ventura respondeu: “Eu só tinha

Zuenir estava lá, com indiretas ao jornalista. A situação ficou mais crítica em 1987, ano da morte do poeta Carlos Drummond de Andrade e dos jornalistas Cláudio Abramo e Sandro Moreira. Ao comentar esse assunto em artigo, Hélio escreveu: “por mais que a Igreja diga que a morte não existe, que apenas passamos dessa vida por uma outra muito melhor, é triste saber que os melhores vão embora, e que ficam por aqui calhordas completos como Adolpho Bloch, Roberto Marinho, Zuenir Ventura e tantos outros”.¹⁴

Foi o estopim. O perfil apaziguador de Zuenir, tão citado por seus amigos e admiradores, ficou de lado momentaneamente, embora a tática da reação tenha sido bastante curiosa. Ao preço de 480 cruzados, Zuenir comprou em uma loja da rua Teixeira de Melo, junto à praça General Osório, uma lata de tinta a óleo marrom brilhante. Guardou no carro aquele galão cilíndrico de 3,6 litros. Ao sair da loja, pegou o caminho da Lagoa Rodrigo de Freitas em direção ao *Jornal do Brasil*, onde trabalhava, e viu de longe Hélio caminhando tranquilamente naquela tarde de primavera. Estacionou o carro sobre a calçada em frente ao muro do Estádio de Remo, o que criaria um corredor que ele seria obrigado a passar, destampou a lata e esperou. Hélio se aproxima e Zuenir joga em direção ao corpo do jornalista a tinta. Esse episódio, um tanto pitoresco, demonstra não só o quanto o meio jornalístico pode gerar desafetos, mas também põe à prova os limites de alguém tido como pacífico ao ser insistentemente importunado.

A ligação de Zuenir com a família Lacerda não terminaria com sua saída da *Tribuna da Imprensa*, que deixou de circular em 2008. Em 1988, a editora Nova Fronteira, fundada por Lacerda em 1965, publicou o seu livro de maior sucesso: *1968: o ano que não terminou*. Na *Tribuna*, Zuenir também conheceria sua parceira de vida: a jornalista Mary Akiersztein. Nascida no Rio de Janeiro e de família judaica, Mary trabalhou como secretária no escritório do arquiteto Oscar Niemeyer antes de se formar em Jornalismo pela Faculdade Nacional de Filosofia. Escreveu textos para o *Suplemento Dominical do Jornal do Brasil (SDJB)*, editado por Reynaldo Jardim. Teve uma rápida passagem pelo jornal *A Noite* e seguiu para *Tribuna da Imprensa*, onde assinava no Segundo Caderno uma seção sobre artes plásticas.

uma saída: matar o homem. Mas como eu sou pacifista e nunca usei arma em minha vida, a tinta me pareceu o caminho certo”. Também questionado sobre o assunto, Hélio afirmou desconhecer o incidente. “Quando faço *cooper*, fico muito distraído, pensando no artigo que vou escrever”, disse. Segundo a nota, na coluna que Hélio escreveu no dia seguinte ao ocorrido, passou a chamar Zuenir de “falso jornalista”, “mau caráter”, além do “calhorda” que já vinha utilizando em seus artigos. A nota em *Veja* foi acompanhada com uma foto de Zuenir segurando a lata de tinta.

¹⁴ Trecho do artigo “A morte do verdadeiro jornalismo”, escrito pelo jornalista Hélio Fernandes na *Tribuna da Imprensa* e publicado em 3 de setembro de 1987.

Zuenir e Mary tinham um amigo em comum: o arquiteto Jorge Laclatetti, citado na conversa entre eles na cantina da *Tribuna*, onde se viram pela primeira vez. Logo começaram a namorar e se casaram em 1962. O jornal deu a seguinte nota do casamento: “Mary e Zuenir: ventura para dois”, dizendo ao final que “Mary, agora, é toda ventura”. Lacerda deu de presente ao casal passagens para Europa. Nos dois anos seguintes, nasciam os filhos do casal: Mauro e Elisa.

Considerações finais

Relatos¹⁵ de jornalistas que trabalharam em *Tribuna da Imprensa* nos anos 1950 e 1960 e os próprios textos publicados pelo jornal apontam alguns indícios que ajudam a compreender o perfil do periódico, os modos de produção e as características de Lacerda, político controverso que assumiu o papel de cruzada anticomunista no país e que, depois de 1968, ao ser cassado pela ditadura, viveu uma fase de ostracismo. A questão de o jornal ter sido “uma escola”, um lugar de aprendizado para jornalistas que iniciavam a carreira, e as reuniões de Lacerda com a redação para corrigir palavras utilizadas nas matérias fazem parte dos discursos dos profissionais. Zuenir também fez referências “às aulas de jornalismo” de Lacerda e a suas “brincas colossais”, pedindo que não utilizassem as palavras “esposa” nem “decúbito frontal”.¹⁶ Nem todos se identificaram, entretanto, com as posições políticas e campanhas do dono do jornal, como o embate que travou com o jornalista Samuel Wainer, da *Última Hora*.

Zuenir não se enquadrava no perfil do “lacerdismo”¹⁷ e chegou a ter algumas divergências com posições defendidas por seus adeptos. Uma delas foi em razão de ter assinado, em 1962, o manifesto apoiando a posição do Brasil na conferência de Punta Del Este em que o chanceler San Thiago Dantas absteve-se de votar a expulsão de Cuba da

¹⁵ A pesquisa teve como base os depoimentos de jornalistas nos livros *Lacerda na era da insanidade* e *Memória de repórter: lembranças, casos e outras histórias de jornalistas brasileiros*.

¹⁶ Entrevista ao autor.

¹⁷ A prática dominada por “lacerdismo” teve características de supervalorização do uso da retórica e domínio da linguagem, o forte viés personalista e o papel do carisma. Para Motta (2015), o “segredo do lacerdismo reside nas emoções que Lacerda, até hoje, é capaz de despertar em seguidores apaixonados e rivais empedernidos”. Segundo a pesquisadora, “ser lacerdista ou antilacerdista significava, assim, compartilhar sentimentos de pertencimento a grupos que se definiam pela comunhão de valores, representações e atitudes em relação à sua figura carismática” (p.41). De acordo com Perez (2007), o lacerdismo, pelo menos após 1960, não se fez somente com a capacidade de despertar sentimentos, mas também com a imagem da construção de uma burocracia moderna e dinâmica, coexistindo uma liderança carismática e uma administração racional. Perez aponta que, por mais paradoxal que possa parecer, o lacerdismo entrou em declínio com a vitória dos militares, em 1964. A abertura de túneis e a construção de viadutos foram algumas marcas do governo de Lacerda, que tinha intenções de se eleger presidente do país, na eleição prevista para 1965.

Organização dos Estados Americanos (OEA), desafiando posição dos Estados Unidos. Na *Tribuna*, o documento teve repercussão e Zuenir foi acusado de “traição”. Os lacerdistas alegavam que ele ocupava um cargo de confiança e não podia se manifestar publicamente contra a posição do jornal. O incidente do manifesto separou, por algum tempo, Zuenir e Sérgio Lacerda, mas não abalou a amizade dos dois, tanto que, mais tarde, o jornalista foi uma espécie de “padrinho de honra” dos filhos de Sérgio com Maria Clara Mariani, sua primeira mulher.

Zuenir teve um endereço de trabalho bem próximo da *Tribuna* quando saiu de lá: o jornal *Correio da Manhã*, que funcionava em um prédio na rua Gomes Freire, 471. Foi no *Correio* que Lacerda assinava a coluna diária “Na Tribuna da Imprensa” (daria nome ao seu futuro jornal) e que também saiu publicada a entrevista que ele fez com o político José Américo de Almeida criticando o Estado Novo e pedindo eleições.

A passagem de Zuenir por *Tribuna da Imprensa* revelou momento de aprendizados variados em um jornal que, embora enfrentasse problemas internos e dificuldades financeiras, contou com uma equipe de ótimo nível técnico-profissional. Na *Tribuna*, ele via os resquícios da configuração da imprensa com jornalistas de comportamento boêmio, ligado à literatura e com formação em Direito, em sua maioria. Quando Zuenir começou na profissão, existiam no Rio de Janeiro 22 jornais diários comerciais, entre matutinos e vespertinos, com as mais diversas tendências políticas. No final dos anos 1970, o número caiu para sete. Ao deixar o cotidiano das redações da imprensa diária, na década de 1990, o *Jornal do Brasil* estava em decadência e *O Globo*, onde Zuenir passou a atuar como colunista, já construía a sua hegemonia no mercado carioca. Zuenir acompanhou parte do processo de modernização da imprensa carioca e, paralelamente a isso, as histórias do fechamento de jornais e revistas, em um quadro de concentração das empresas jornalísticas na cidade. Ele foi chamado tanto para reformular tecnicamente as publicações (aspectos redacional, editorial e visual) quanto para tentar salvar periódicos em queda vertiginosa de vendagem e perto até mesmo de suas portas serem fechadas.

REFERÊNCIAS

BACIU, Stefan. **Lavrado**, 98. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

BLASS, Suzana (coord.). **Memória de repórter**: lembranças, casos e outras histórias de jornalistas brasileiros. Rio de Janeiro: Verso Brasil, 2010.

BOURDIEU, Pierre “A ilusão biográfica”. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs.). **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette**: mídia, cultura e revolução. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FERREIRA, Marieta de Moraes. A reforma do Jornal do Brasil. In: ABREU, Alzira Alves (org.). **A imprensa em transição**: o jornalismo brasileiro nos anos 50. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

MAGALHÃES, Mauro. **Carlos Lacerda**: o sonhador pragmático. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.

MOTTA, Marly; MAUAD, Ana Maria. **Nos tempos da Guanabara**: uma história visual (1960-1975). Rio de Janeiro: Bazar do Tempo e Edições de Janeiro, 2015.

PADILHA, Guimarães. **Lacerda na era da insanidade**. Niterói, Rio de Janeiro: Nitpress, 2009.

PENA, Felipe. **Teoria da biografia sem fim**. Rio de Janeiro: Mauad, 2004.

PEREZ, Maurício Dominguez. **Lacerda na Guanabara**: a reconstrução do Rio de Janeiro nos anos 1960. Rio de Janeiro: Odisséia Editorial, 2007.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. **Imprensa e história no Rio de Janeiro dos anos 1950**. Rio de Janeiro: E-papers, 2007.

SACRAMENTO, Igor. A biografia do ponto de vista comunicacional. **Matrizes**, vol.8, n.2, jul/dez 2014, p.153-173.

SCHWARCZ, Lilia; STARLING, Heloisa. **Brasil**: uma biografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (org.). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

Entrevistas

Zuenir Ventura, Rio de Janeiro, 04/05/2016.